



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

CLEBER AUGUSTO GONÇALVES DIAS (2)

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-607

Entrevistado: Cleber Augusto Gonçalves Dias

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte

Entrevistador/a: Luiza Aguiar dos Anjos e Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 23/10/15

Transcrição: Gustavo Bernardi

Copidesque: Ivone Job

Pesquisa: Ivone Job

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 22 minutos e 43 segundos

Páginas Digitadas: 8 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

A formação inicial do entrevistado; Temática das pesquisas; Envolvimento com Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC); Funções que exerce no Ensino a Distância; Conteúdos do Curso a distância; Preparação de tutores do curso; Relação ou especificidade nos materiais produzidos para o curso a distância com relação à Vida saudável e aos povos indígenas e comunidades tradicionais; Novas materiais que estão sendo elaborados para o curso; Como foram escolhidos os novos materiais do curso; Diagnósticos e resultados a respeito do curso EAD; Estrutura do curso; Como são escolhidos os tutores e profissionais que trabalham no curso; Como acontece o processo de divulgação do curso; Considerações finais.

Belo Horizonte, 23 de outubro de 2015. Entrevista com Cleber Augusto Gonçalves Dias a cargo das pesquisadoras Luiza Aguiar dos Anjos e Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.A – Queríamos que você começasse falando da sua formação.

C.D – Minha formação, bom.. Eu me graduei em Educação Física numa universidade privada do Rio de Janeiro chamada Universidade Castelo Branco e se eu não estiver enganado entre os anos 2000 e 2004. Logo em seguida eu fiz um curso de especialização em Educação Física Escolar na Universidade Federal Fluminense e já na sequência eu fiz o curso de mestrado na UFRJ¹ em história comparada. Imediatamente depois eu ingressei no doutorado em Educação Física na Unicamp. Do ponto de vista da minha formação é isso.

L.A – Você podia falar um pouco das temáticas das suas pesquisas?

C.D – No final da graduação, na universidade privada não tem muito essa dimensão da pesquisa. Você basicamente vai lá para assistir aula. No entanto, no último semestre do curso eu conheci o Edmundo² que era também professor da Universidade Federal Fluminense que foi, inclusive, quem me chamou atenção para o curso de especialização que tinha lá que era gratuito, etc. Ele ofereceu uma disciplina optativa sobre esportes de aventura, o assunto na ocasião, me interessei bastante em particular pelo primeiro, porque nunca gostei de natureza. Eu achava estranho as pessoas terem prazer em irem para o meio do mato, se exporem a um certo sofrimento etc. Como ele tinha uma pegada de pesquisa e eu tinha o hábito de ler muito, eu sempre li muito, eu tinha esse interesse. Embora, fizesse isso não de maneira organizada, era totalmente desorganizado. Mas, me aproximei do Edmundo em uma pesquisa que ele começou a fazer sobre os lugares do Rio de Janeiro e seus frequentadores que praticavam o esporte de aventura em determinadas praias, montanhas, para escalar, saltar de asa delta. Acho que foi aí a minha entrada no universo da pesquisa. No mestrado, eu também estive nesse projeto, com bolsa de apoio técnico da FAPERJ³ já trabalhando com o Edmundo na UFRJ. Logo em seguida, no mestrado, eu decidi fazer um estudo comparando os esportes de aventura no Rio de Janeiro na década de

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² Edmundo de Drummond Alves Júnior.

60 com o processo de desenvolvimento urbano da cidade. Era a comparação entre práticas esportivas e a materialidade urbana da cidade, seus planos urbanísticos, suas reformas e tal. No doutorado eu decidi fazer um estudo sobre o início do processo histórico de usar espaços naturais para a prática de lazer, ou seja, a história do lazer na natureza entre o final do século XVIII e o começo do século XIX. Depois eu ingressei na Universidade Federal de Goiás onde eu comecei a estudar a história do esporte em regiões periféricas e é o que eu estou fazendo até hoje. Depois, fui para a Universidade de Mato Grosso e um pouco também aqui em Minas Gerais, no interior de Minas Gerais não Belo Horizonte e uma parte da região amazônica, o sertão do Brasil, nessas partes mais fora dos grandes centros metropolitanos.

L.A – Como começou o seu envolvimento com o PELC?

C.D – Estou lembrando uma experiência que tive anterior ao PELC. Houve uma época que o Ministério do Esporte lançou um edital para pessoas que quisessem atuar como formadores do PELC. Eu me inscrevi, lembro que tinha que fazer um documento e uma proposta de formação, talvez um memorial, se eu não estiver enganado. Acabei sendo selecionado junto com outros 77 formadores, e eu era o número 78, não sei nem como é que se fala o número 78, mas eu era o 78 colocado. Esse foi o meu primeiro contato com o PELC, mas na prática esse grupo operava muito pouco porque havia esses 78 formadores, mas eram os núcleos que organizavam os PELCS nos diferentes municípios e que selecionavam os formadores que eles queriam. Acabou que eu nunca fui convidado para nenhuma formação porque eles acabavam selecionando um grupo muito restrito, mas ainda assim, foi uma primeira formação porque cheguei a ir para Brasília participar de reuniões onde eles expunham como funcionava o PELC. Depois disso eu larguei e fiquei um tempo sem nenhum um tipo de contato. Quando eu me transferi de Goiânia para Belo Horizonte para trabalhar aqui na UFMG, o Hélder⁴ já estava envolvido com a coordenação desse processo formativo do PELC, e já não se organizava da mesma maneira que na época que eu tive envolvido. Então ele me convidou para participar especificamente nesse curso que aconteceu a distância, não nos cursos de formação presencial.

³ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

⁴ Hélder Ferreira Isayama.

L.A – E que funções você exerce dentro dessa educação a distância?

C.D – É eu atualmente sou o coordenador operacional. Basicamente cuido de uma parte administrativa do curso, então eu contrato e demito pessoas quando necessário cuido da emissão de passagens, de diárias, de certificados, toda essa parte de gerência burocrática e administrativa do curso.

L.A – Você acompanhou a constituição dos conteúdos desse curso EAD?

C.D – Sim. A EAD funciona da seguinte maneira: eu e o Luciano estudamos primeiro como era o processo do PELC e o seu processo de formação. Conversamos com a Andréa⁵ e com a Ana Elenara⁶, lá em Brasília, para ouvir a opinião delas a respeito do tipo de conteúdo que seria necessário para o curso. Com base nos estudos que nós fizemos do material e na conversa que nós tivemos com elas fizemos uma primeira proposta. Além desses dois elementos que eu citei fizemos uma terceira fase, bem importante, que foi a aplicação de um questionário para os formadores, num encontro que teve em Vitória. Eles estavam fazendo um encontro de avaliação e nós aplicamos um questionário que basicamente perguntava para eles o que eles achavam importante de ser apresentado para os tutores que trabalham no PELC em termos de conteúdo. Então, com base nessas três informações elaboramos uma primeira minuta de conteúdos que poderiam ser importantes de serem abordados no curso. Essa foi a maneira e se chegou à conclusão de que basicamente, não escapou muito da opinião básica do que a Ana Elenara e a Andréa falaram o que também foi reforçado pelos formadores.

L.A – E como foi o processo de preparação dos tutores para exercerem a sua função?

C.D – Basicamente, como foi tudo muito rápido, muito, muito corrido, nós tivemos que começar o curso em poucos meses, além de cuidar de todo o processo burocrático de contratação, ir na FUNDEP⁷ e etc. Essas partes mais burocráticas, basicamente fizemos um encontro no final de semana aqui em Belo Horizonte. Nós tivemos a opção deliberada de só contratar pessoas que residiam em Belo Horizonte para ser tutor, porque embora o curso

⁵ Andréa Ewerton Nascimento.

⁶ Ana Elenara da Silva Pintos.

seja a distância, teoricamente eles poderiam estar em qualquer lugar do Brasil, mas a gente fez questão de que todos estivessem em Belo Horizonte justamente porque nesse primeiro momento achamos importante que tivesse o contato mais cotidiano com os tutores. Foi um encontro no final de semana em que apresentamos um pouco dos princípios de funcionamento da EAD, do funcionamento do PELC, e do processo de formação do PELC. Por último falamos sobre os materiais, como funcionaria o curso a distância e sobre a plataforma que seria usada.

L.A – Existe alguma especificidade nos materiais produzidos pra EAD com relação ao Vida Saudável e ao Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais?

C.D – Alguma especificidade?

L.A – Exato.

C.D – Na verdade não. É um ciclo porque em um primeiro momento nós elaboramos oito materiais para diferentes, como se fossem diferentes oito disciplinas. Agora estamos fazendo uma segunda rodada com mais oito, por exemplo, vai ter material dedicado só ao esporte, lazer e idosos e depois terá um outro material dedicado a esporte, lazer e povos tradicionais, então a especificidade diz respeito a esse conteúdo, mas na prática acho que na oferta do curso não tem um direcionamento.

L.A – E na definição desses novos oito materiais vocês passaram por uma fase de diagnóstico?

C.D – Não, dessa vez foi mais intuitivo. O Ministério do Esporte... Em Brasília junto com os formadores e eles já tinham uma percepção de determinados conteúdos que percebiam como sendo carentes e que deveriam ser mais e melhor desenvolvidos. Então eles sugeriram uma série de tópicos que deveriam ser tratados, por exemplo, eles incitaram a questão dos idosos, dos povos tradicionais, dos povos indígenas, a questão da gestão administrativa de projetos de esporte e lazer. O que mais eles falaram foi em dança, que vai

⁷ Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa.

ter agora um material sobre dança. Então a partir do que eles foram comentando, a partir da percepção deles sobre as carências, nós sugerimos esses materiais.

L.A – Você já consegue observar alguns resultados, ver alguns elementos e resultados de avaliações do processo?

C.D – Têm alguns processos que a gente monitora. A primeira coisa que chama atenção é o nível de evasão realmente grande, não saberia dizer um número preciso, mas eu chutaria em torno de setenta a oitenta por cento dos alunos. Ou eles se inscrevem e não começam o curso ou começam o curso e não terminam, então é um número muito grande. Isso não é exatamente um problema do curso porque a gente nota também que muitas pessoas não têm clareza do que se trata ao simplesmente se inscreverem. Mas, recentemente nos últimos dois três meses isso tem mudado. Numa primeira avaliação, o processo de recrutamento e de mobilização talvez precise ser aprimorado. Talvez na nossa proposta inicial o curso tenha ficado demasiadamente complexo para as características das pessoas que trabalham no programa. Uma dificuldade grande é que há um nível heterogêneo de formação, então tem pessoas que não têm nem o ensino fundamental concluído até pessoas que estão fazendo o mestrado como alunos do curso a distância. Essa diversidade de formação é um desafio muito grande porque você tem que elaborar um material e organizar o processo pedagógico do curso de modo a atender essas diferentes expectativas. No entanto, eu acho que o material ficou mais próximo de quem é universitário do que quem não é. Tenho a impressão, falando de uma maneira bastante subjetiva, que a maioria das pessoas que trabalham no curso como tutores, não tem formação universitária. Talvez o material não devesse privilegiar o público não universitário e eu acho que os primeiros oito materiais não fizeram isso. Esse é um segundo dado de avaliação que, em certa medida, também pode explicar o nível de evasão. Há dificuldade de lidar com a linguagem escrita e o material foi muito concentrado no texto escrito. Criaram páginas e páginas de material escrito, então fica difícil se as pessoas não têm o domínio, a familiaridade com a leitura e com a escrita. Tudo acontece através de textos: o cara lê e escreve o que ele entendeu do que leu, depois ele lê o que o tutor acha do que ele escreveu, então o tempo inteiro você está concentrado em habilidades de leitura e escrita e como essa é uma habilidade, às vezes, não tão fluente pra todo mundo, isso talvez tenha sido uma dificuldade. Eu acho que isso é um elemento de avaliação, o material tem que ser mais multi-midiático, não tão

escrito, mais vídeos, mais áudios, com mais coisas que não necessariamente a leitura de textos.

L.A – Você pode falar um pouco do formato do curso?

C.D – Inicialmente ele contava com oito módulos sendo que os quatro primeiros eram obrigatórios e os quatro últimos eram optativos. Dos quatro eles tinham que escolher dois. Depois nós abrimos uma seleção para oitocentos alunos que não preencheu todas as vagas. Uma vez que não preencheu todas as vagas uns dois meses depois de começar a primeira turma nós fizemos uma nova seleção pra tentar preencher as vagas que estavam ociosas e não preenchemos. Então fizemos uma terceira seleção para tentar, então fizemos três entradas do curso. No terceiro ingresso notamos que a ideia de fazer um curso sequencial era um complicador e que estava dificultando mais do que facilitando. Nós decidimos a partir daquele momento que não seriam mais oito módulos dos quais o aluno faria quatro obrigatórios e dois optativos. Ele faria um único módulo que simplesmente escolheria, não teria mais uma sequência de módulos. Atualmente, a dinâmica do curso é assim: a cada, aproximadamente, dois meses a gente abre e divulga uma seleção, as pessoas interessadas se inscrevem no curso e durante sessenta dias elas vão fazer um módulo que elas escolherem dos oito módulos oferecidos. Então na prática a cada dois meses a gente oferece oito módulos que acontecem simultaneamente, e isso vai se repetindo a cada sessenta dias. A estrutura é basicamente essa.

C.M – Cleber você poderia falar como são escolhidos os tutores e o pessoal que trabalha nessa equipe EAD?

C.D – A equipe da coordenação é basicamente composta de professores da UFMG, em particular da Escola de Educação Física, com exceção da Maria Terese⁸ que trabalha no curso a distância e é professora da Faculdade de Educação e da professora Eliane⁹ que é supervisora de tutores e trabalha, se eu não estiver enganado, no Centro Pedagógico ou no COLTEC¹⁰, são essas duas exceções e os demais que trabalham no curso a distância e no presencial de formação são professores da Escola de Educação Física. Então, qual foi o

⁸ Maria Terese Marques Amaral.

⁹ Eliene Lopes Faria.

critério? São pessoas que, basicamente, tem algum tipo de ligação acadêmica com o estudo do lazer. Não tem nenhum professor assim, sei lá, da biomecânica trabalhando nisso. São professores da área das ciências humanas que trabalham com políticas públicas, com história do esporte com coisas relacionadas a essa temática. Já os tutores não têm ligação com a UFMG. Nós abrimos um edital que tinha a exigência de residir em Belo Horizonte. Pessoas de diferentes partes de Belo Horizonte se inscreveram e tiveram que apresentar um currículo e uma carta de intenção com determinado número de páginas justificando porque elas queriam participar e porque elas achavam que deveriam participar e qual era a experiência prévia delas com atividades profissionais de esporte e lazer. A partir disso montamos uma banca e a gente fez uma seleção e são as pessoas que trabalham até hoje, não houve uma segunda seleção.

L.A – E como acontecem os processos de divulgação dos cursos EAD?

C.D – Têm várias formas no processo de divulgação dos cursos: primeiro o próprio Ministério do Esporte divulga já que tem contato com as prefeituras e com os núcleos que oferecem as atividades do PELC, por e-mail e às vezes, por meio de material impresso. O Ministério divulga o curso incentivando as pessoas a se inscreverem. Não é obrigatório, ou seja, só participa quem quiser. Recentemente a gente começou a fazer uma segunda estratégia que talvez tenha sido a mais bem sucedida que é a divulgação nos momentos em que acontecem as primeiras formações presenciais para o PELC. Uma parte das pessoas que trabalha no curso a distância, nessas formações, elas têm um pequeno momento para explicarem como funciona o curso, do que se trata, como é que faz para participar, eles tentam explicar de uma maneira mais presencial como funciona o curso a distancia. Eu acho que tem funcionado porque boa parte dos alunos que temos hoje foi recrutada nesses momentos.

L.A – E a divulgação para o público externo ao PELC?

C.D – Por enquanto, tenho a ideia que o curso seja para as pessoas que trabalham no PELC, embora na prática não se tenha controle. Qualquer pessoa que se inscreva a gente não tem como saber se a pessoa é ou não é do PELC, então não tem uma estratégia de

¹⁰ Colégio Técnico da UFMG.

divulgação para pessoas de fora do PELC, embora, há essa possibilidade de a gente tentar divulgar para estudantes de graduação de Educação Física de algumas universidades ou do norte, do centro-oeste de algumas regiões que tenham pouca adesão do curso pra tentar divulgar mais o próprio PELC dessas regiões.

C.M – Cleber para concluir: tem mais alguma coisa que você queira registrar dessa sua participação do PELC?

C.D – O que eu gostaria de registrar para memória, digamos, assim para a eternidade sobre esse curso, primeiro é que a ideia é muito interessante, a ideia de oferecer uma formação para pessoas que trabalham e que estão atuando profissionalmente nesse âmbito é uma ideia interessante. Em segundo lugar, a ideia de usar recursos informacionais de comunicação para oferecer a distancia também é uma ideia interessante. Por outro lado eu acho que a linguagem que a gente está fazendo talvez não seja uma linguagem ainda inteiramente adequada, dado o perfil e as características das pessoas que trabalham, desses trabalhadores que estão lá. O suporte tecnológico que a gente usa também para oferecer esse curso provavelmente não é o adequado. Talvez um investimento mais efetivo devesse ser feito. Uma última consideração que eu faria é com relação aos custos. Uma das coisas que nos motivou a oferecer num processo formativo a distancia era a possibilidade de oferecer alguma coisa que tinha um custo benefício muito maior com um custo menor e que poderia ser com uma certa facilidade reproduzível, poderia ser aplicado numa quantidade muito grande de trabalhadores e isso não está se mostrando exatamente verdadeiro. O curso ainda é um curso relativamente caro dado o número de alunos que a gente atende. Se nós conseguíssemos completar todas as vagas, o tempo todo, ele seria um curso extremamente barato, mas como a gente não consegue a relação custo aluno ainda é uma relação relativamente cara. Talvez, precisasse pensar mecanismos para tornar o custo benefício do curso ótimo, não é um curso ótimo nesse sentido. Então, acho que o que eu registraria para a posteridade é isso para que, se no futuro alguém quiser refazer e continuar fazendo alguma coisa nesse sentido.

L.A – Muito obrigado pelo seu tempo e disponibilidade.

[FINAL DA ENTREVISTA]